

Hélder Reis

NAÇÃO
Valente

LUGARES, OBJETOS

E TRADIÇÕES

da

História
de
Portugal

 Planeta

Para a minha mãe, Margarida, que desde sempre me ensinou a força e o cheiro dos livros, e com isso a liberdade inebriante da minha alma. Obrigado, mãe.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
I. LUGARES DA NOSSA HISTÓRIA	15
Pelo Centro de Guimarães – O berço de Portugal	17
Castelo de Guimarães – De palheiro a berço	19
O Templo Que (Não) É de Diana	22
O Castelo de Lisboa – Palco de tantos acontecimentos da nossa história	24
Carmo, Infinitamente Livre	27
Largo de São Domingos – Massacre dos judeus	29
Terreiro do Paço – Uma praça palco de um regicídio	32
Sé do Porto – Casamento à moda do Porto	34
Mosteiro da Batalha – Um monumento para honrar uma vitória	38
Rio Tejo – A porta de entrada e saída de Lisboa	42
Vila Viçosa – Terra da Padroeira de Portugal, Nossa Senhora da Conceição	44
Casa dos Bicos – Uma casa de palavras e história	47
Estoril – Centro da espionagem na Segunda Guerra Mundial	50
Convento de Cristo – Casa templária	52
Torre de Belém – Um livro sobre os Descobrimientos	55
Palácio de Mafra – Um convento que deu um memorial	59
Palácio da Pena – Residência de verão da família real	62
Palácio da Vila de Sintra – Onde um rei viveu num quarto	65
Mosteiro dos Jerónimos – Setenta quilos de ouro	69
Mosteiro de Alcobaça – Branco e amor	72
Mosteiro da Serra do Pilar – Símbolo das Guerras Liberais	76
Conímbriga – Tem muito encanto	78
Santuário de Fátima – Altar do mundo	81
Belmonte – Terra de Pedro Álvares Cabral	84

Cromeleque dos Almendres	86
Trancoso e Pão com Laranja	87
Leiria – Terra de cortes	89
Fortaleza de Peniche	91
A Saudade de Cabo Verde	94
A Fortaleza de Diu	95
Goiás - Terra Dourada	98
Igreja de São Paulo	99
Portugal em Goa	102
A Praça Forte de Safi	104
Igreja de São Francisco de Assis – Ouro Preto	106
2. OBJETOS QUE FAZEM A NOSSA HISTÓRIA	109
Astrolábio	111
Caravela, Caravela	113
Tratado de Alcanizes	115
A Linha de Tordesilhas	117
Galo de Barcelos – Símbolo nacional	120
Foz Côa – Uma lição de história	123
Cruz de Cristo – Ordem e símbolo	126
Painéis de São Vicente – Memória de um país	128
<i>Os Lusíadas</i>	130
Esfera Armilar – Símbolo das nossas descobertas	133
Busto da República	135
Biombos Nanban – Um filme fascinante	137
Caldas da Rainha – Terra da faiança	139
Porcelana – Das descobertas para o mundo	142
Guitarra Portuguesa – Uma sonoridade única	144
Bula «Manifestis Probatum» – O documento que nos reconheceu como nação	146
Estátua Equestre de D. José	149
Revista <i>Orpheu</i> – Manifesto modernista	151
Custódia de Belém – Custódia das custódias	153
Carrilhões de Mafra – Carrilhões a dobrar	156
Carta de Pêro Vaz de Caminha – «Certidão de nascimento do Brasil»	158

3. TRADIÇÕES QUE SÃO TÃO NOSSAS	161
Azulejos – A pele de Portugal	163
Festas dos Tabuleiros de Tomar – Uma cidade em festa	166
Festas do Povo de Campo Maior – Uma vila feita em papel	168
Caretos de Podence – Chocalhar a alegria	170
Vinho do Porto – Vinho de Portugal	173
Doces Saídos dos Conventos – Ovos, açúcar... e pecado!	176
Tapetes de Arraiolos – Um tapete metáfora para a vida	177
Os Bonecos de Estremoz – Arte alentejana	179
Arte dos Calceteiros – Calçada portuguesa	182
Cortiça – A árvore da resistência	184
Zé Povinho – Um Toma Lá, do Bordalo para Portugal	187
Cante Alentejano	190
Língua Mirandesa – Segunda língua do coração	192
Língua Portuguesa	194
Estilo Manuelino – A assinatura de um rei	196
Arte Xávega – Uma pesca que é arte	198
«A Portuguesa» – Hino nacional	199
Bandeira Nacional	203
Cães Portugueses – Raças só nossas	204
Nata ou Belém – O pastel de todos os portugueses	208
Saudade	210
Lenço dos Namorados – Uma carta de amor bordada	211
Filigrana – Renda em ouro	214
Chocalho – Instrumento dos campos	216
Sardinha Portuguesa	218
Santos Populares	221
AGRADECIMENTOS	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	231

INTRODUÇÃO

Eis-me com Portugal nas palavras, mais uma vez. Que nunca seja abuso, mas bom uso de um país do qual me orgulho. *Nação Valente* quer ser um livro de honra ao que somos nas paredes do nosso país, mas também no mundo e na alma. Confesso, gostava que este livro fosse uma honra, principalmente no nosso peito. Sou daqueles que acredita no futuro, que se risca para a frente e que cumprem as promessas no presente; mas é preciso, sempre, uma boa base de passado. Não parar nele, nada disso, mas levantar a alma com o corpo e crescer, primeiro por dentro e depois por fora. De que nos vale subir as escadas e lançar âncora a meio da subida? A chegada é sempre o destino, ainda que nos saiba lindamente o caminho.

Acontece o mesmo com o crescimento dos nossos filhos, a evolução espiritual, a malha da avó e os dias na primavera; gostamos do milagre do crescimento e da evolução. Como uma árvore, é como eu mais gosto de nos comparar; sermos admiráveis como um sobreiro, uma oliveira, uma azinheira e um medronheiro. Experimentem olhar para elas, pausadamente, contrariando a pressa da vida. Ver-se-ão na densidade desse majestoso ser vivo, que oscila ao vento e cresce, sem fazer barulho, nem alarido, cresce no sentido da luz.

Este é um livro que quer acompanhar-vos a conhecer Portugal, sair de casa, fazer um piquenique e conhecer as nossas praças, ruas, museus, monumentos e gentes. Ser um humilde fermento, crescente de curiosidade; a grande missão dos livros! Sabem, quando escrevo sobre um monumento, acabo sempre por me reclinar nas gentes, as pessoas dessas épocas, que eram o que também somos hoje, portugueses. E aqui estamos para contar o presente e o futuro, e claro de quando em vez virá o passado. Crescendo na cronologia da história e da vida.

Demorei mais de um ano a escrever, passou-se muita vida. Perdi a minha mãe estava a escrever a história do azulejo, ainda lhe li, sorriu e gostou, com os olhos pequeninos, a querer aprender tudo que ouvia. Custou-me muito voltar a escrever, e a retomar a evolução do texto, parece que a vida devia ser interrompida, quando nos morre quem amamos, não é? Mas não é assim,

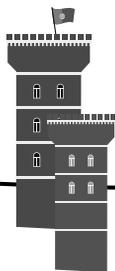
a vida deve avançar, mais serena e pausada, mas ainda mais valente. Pouco depois desta minha eterna ausência, somos invadidos pela pandemia do coronavírus. E, ainda em isolamento, escrevi e terminei estas palavras. Chamados a ser nação, valente, nobre e honrada. Assisti a testemunhos arrepiantes, vi rostos de esperança e de dor, e lá nos tentamos erguer, como as árvores, num mundo estranhamente novo.

Muitos dos nossos lugares, objetos e tradições ficaram de fora deste livro. Esta é necessariamente uma seleção, com todos os defeitos que implica selecionar.

Quando acabo de escrever sinto sempre que tanta coisa ficou de fora, quero sempre acrescentar mais um texto, mais um pormenor. Mas como este livro é meu e seu, deixo-lhe no final umas páginas para fazer o seu roteiro e lanço-lhe um desafio: escreva-me com sugestões suas de lugares, tradições da sua terra e objetos que ficaram na nossa história... Quem sabe não escrevo outro volume com o que me enviarem.

Tenho muito orgulho no país que somos, fizemos e faremos; na verdade, tenho mesmo vaidade no povo que nos transformámos; resiliente, inventivo, de caráter, com teimosia brava e valente, somos uma nação valente, heroica no mar e nas vidas.

Este não é um livro de exegese histórica, não o leia assim, por favor. Pegue nele como um livro sobre Portugal, com boas sugestões para conhecer melhor a nossa pátria-mãe, escrito com rigor e simplicidade. Não tenho nenhuma presunção de ensinar história, só o atrevimento para que fique curioso, e nos perceba ainda melhor, como nobre povo e nação valente. Seja ele, como uma semente que só quer germinar, em busca da luz, e crescer, seja para que destino for. Agora é seu, já não é mais o meu livro. Semeie-o por essa vida fora...



LUGARES DA NOSSA HISTÓRIA

Lugares da nossa história. São sítios onde estamos gravados na pedra e na memória. Onde se passaram acontecimentos que marcaram para sempre a história deste país. De batalhas a grandes revoltas, de conquistas a assassinatos... Lugares imperdíveis para sair em família ou sozinho. Sair à descoberta, com olhos no passado, mas numa leitura atenta sobre o nosso futuro. Siga as pistas e descubra o nosso Portugal, com olhar curioso e valente, como se fosse um turista que nunca ouviu falar daquele lugar, a verdade é que muitas vezes nos ficamos pelo que ouvimos, e não há nada como sentir os sítios e lugares onde eles moram.

PELO CENTRO DE GUIMARÃES O BERÇO DE PORTUGAL

Sempre que viajo para uma nova terra o que procuro é o centro. Aliás, os centros são tão importantes e fascinantes que dão nome ao eterno café central. Há sempre um. Chegado ao centro, rapidamente percebo a identidade do que foi e é a cidade, vila ou aldeia, a que me proponho desbravar conhecimento. E passa muito por quem o habita, ou devia habitar. As pessoas fazem a terra, acredite! Guimarães tem o melhor do Minho e de Portugal. O seu centro não só é histórico como é património da UNESCO desde 13 de dezembro de 2001. Já vos conto com detalhes, mas o que mais fascina ao chegar é o casário. Janelas alinhadas em memórias de vizinhança de tempos idos, ruas de perdidos e de um Portugal que é tão nosso. É um património de arquitetura que viaja do século XIII até ao século XVI, e na realidade até aos dias de hoje. Mas na verdade é um património de gente, da identidade, de carácter e de assinatura. Num mundo tão diluído como o que hoje vivemos, a identidade assume-se como rocha inabalável.

Do centro de Guimarães desenvolveram-se técnicas e estéticas de construção que se replicaram no novo mundo que havíamos de descobrir. Isto é inquestionável e tão universal, um centro que está no mundo. Entrar no centro desta cidade berço portuguesa é uma viagem medieval. Cantaria de granito, telha e madeira, antes da telha haveria de ter sido colmo. D. João I teve um papel preponderante na constituição do município, e no engenho de completar as muralhas segundas, erguidas por D. Dinis, e acrescentar torres e ameias, respeitando as vias de comunicação que vinham do período anterior. Uma visão de caminho tão importante para o futuro.

Contudo, mergulhemos novamente no centro, partindo do Largo da Oliveira, que ganhou nome graças à secular oliveira aí plantada, a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira onde se conta que o nosso primeiro rei foi batizado, as casas alpendradas que datam do século XVII.

A praça de Santiago que nos leva ao século XVIII. A Rua de Santa Maria... As ruas, cada rua, como gosto de me perder em todas estas ruas sem destino

certo, observando cada pormenor e respirando a sua história. Todas testemunhas do tempo e da história.

Sentir o tempo não é fácil nos dias desta vida. Quem comparou as plantas de Guimarães do século XVI e do século XIX constatou que não existem grandes diferenças. Não acha este dado incrível? 300 anos de respeito e memória perpetuada. Faço questão de não vos detalhar cada monumental arquitetura que pode usufruir no centro de Guimarães.

Para mim é fascinante a leitura da história a partir da arquitetura, casas que nos falam de 1111, ano em que teria o nosso rei D. Afonso Henriques nascido nestas terras. Nessa altura, Guimarães era apenas um pequeno aglomerado urbano medieval, com um castelo que defendia as suas gentes, erguido de pedra e madeira. Mas estas casas, que já vêm de tempos medievos, atravessam o século XVIII e preservam a magia da cronologia do nosso Portugal na força do granito, da nobreza da madeira e da alegria das cores. A partir das casas que contam a história de um povo e da glória de um país, Guimarães é sem dúvida um lugar de memória.

Ser património da UNESCO exigiu o cumprimento de muitos critérios, que passam pelo bem cultural, testemunhos únicos e pela preservação, em que esta cidade berço passou com nobre distinção.

Mas, confesso, não estou certo de que haja um café central em Guimarães, porque o seu centro tem o tamanho do mundo. Por isso, a haver um café central, chamar-se-ia café universal!

CASTELO DE GUIMARÃES DE PALHEIRO A BERÇO

E já que estamos em Guimarães, antes de seguir viagem para outros lugares onde se fizeram história, visitamos um dos castelos mais bonitos e icónicos do nosso país.

Já foi palheiro real no século XVI, e não sei se por ter sido um palheiro real lhe dá mais dignidade do que a de um palheiro vulgar, mas foi palheiro. Também já foi pedreira e prisão. Esteve para ser demolido a fim de usar a pedra nas ruas da sua cidade. Já foi tudo, quase nada e hoje é-nos tanto, o Castelo de Guimarães. O desgastado nome de berço da nacionalidade, e só digo desgastado porque as coisas da nascença podem correr o risco de ficarem lá longe num álbum de fotografias, sem que ninguém as folheie com a dignidade que merecem.

A condessa Mumadona Dias manda construir na terra que é sua de Vimaranes o convento de frades e de freiras, que foi crucial para o crescimento local, pois sabemos da fertilidade que um convento traz para a localidade. Porém, a condessa não estava formosa e segura, era uma mulher viúva e com medo de ser atacada por mouros e normandos, precisava de um castelo que a defendesse, e assim nasce o primeiro lugar do Castelo de Guimarães, algures entre 959 e 968. Pouco se sabe e tem deste princípio. Ao castelo designa-o de São Mamede, curioso e premonitório nome.

No século XI, o rei de Leão e Castela entrega o governo da Província do Condado Portucalense ao Conde D. Henrique, que fará grandes obras no castelo. Casado com Dona Teresa, em 1111 vê nascer D. Afonso Henriques, ficando tudo encaminhado para o nosso carinhoso berço.

O século XII determina as maiores construções neste edificado de defesa, mas a torre de menagem, de 27 metros de altura e quadrangular, surge mais tarde, em meados do século XIII, tal como os oito torreões e parte da muralha da cidade.

No Condado Portucalense, Guimarães era a vila de maior destaque e terá sido o palco da Batalha de São Mamede. Com a morte do pai, quando tinha apenas três anos, é a sua mãe, Dona Teresa, que assume o poder do Condado contra a sua irmã, e também viúva, Dona Urraca de Leão e Castela.

Já sabem a história de cor e salteado, dos seus relacionamentos amorosos que não foram bem aceites, nomeadamente pelo seu filho Afonso Henriques que já crescido se opunha à sua liderança. Dá-se então a Batalha de São Mamede onde o jovem conde derrota a mãe numa batalha recheada de simbolismo ou não fosse dia de São João Batista.

Reza a lenda que Afonso Henriques prendeu a mãe e que esta lhe terá rogado uma praga: «Rogo a Deus que venhas a ser preso assim como eu fui. E porque puseste ferros nos meus pés, quebradas sejam as tuas pernas com ferros. Manda Deus que isto seja!». Ora o que é certo é que anos mais tarde fratura uma perna contra um ferrolho de um portão em Badajoz, e nunca mais pode montar a cavalo nem guerrear...

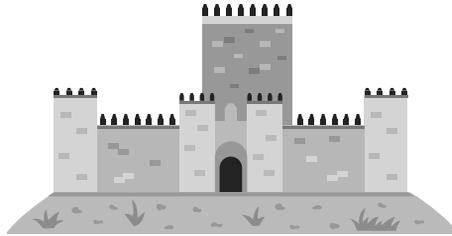
Ao ir ao campo de São Mamede sente-se algo de princípio naquelas terras, não vos sei explicar. Uma batalha por um futuro país entre mãe e filho. O nosso parto não foi dos fáceis, mas dos valentes, convictos, determinados e dos que «se tem de ser, que seja agora», como nos cantam os Deolinda.

Entretanto, na segunda dinastia constrói-se o paço senhorial para o alcaide da fortaleza e dá-se a renovação da fortaleza medieval. O Castelo de Guimarães tem uma arquitetura militar românica e gótica, planta pentagonal, oito torres, praça das armas, sendo no centro desta praça a torre de menagem. Já no tempo de Dona Maria II, esta rainha eleva Guimarães a cidade e permite o derube das muralhas, das quais ainda restam alguns vestígios.

Guimarães, e o seu centro histórico, é da humanidade desde 2001, é um dos destinos de eleição e foi Capital Europeia da Cultura em 2012.

Comecei esta história quase pelo fim, só para vos dizer que até os monumentos têm segundas oportunidades, novas vidas a lembrar as antigas, pois que havemos de dizer de nós? Vamos sempre a tempo de reconstruir a casa da nossa alma, digo isto porque vos escrevo em plena pandemia da COVID-19, e quando me estiver a ler, espero que o mundo esteja mais limpo e seguro, como nos disse Sophia.

VISITE O CASTELO DE GUIMARÃES



Endereço: R. Conde Dom Henrique
4800-412 Guimarães
<http://www.pacodosduques.gov.pt/>

Horários das visitas:
Todos os dias das 10h00 às 18h00
(encerramento da bilheteira às 17h30).
Dias de encerramento: 1 de janeiro, domingo de Páscoa,
1 de maio e 25 de dezembro.